



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Questões que Norteiam a Geografia



Atena
Editora
Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Questões que Norteiam a Geografia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
Q5	Questões que norteiam a geografia [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-653-9 DOI 10.22533/at.ed.539192709 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. CDD 918.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Questões que Norteiam a Geografia”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com a arte de “sulear-se”, ou seja, constroem suas análises respaldadas em diferentes matrizes epistêmicas, valorizando o conhecimento desenvolvido horizontalmente e socialmente em diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão do Brasil.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Geografia Agrária, Geografia Econômica, Geografia Urbana, Geografia Física, Planejamento Ambiental, Geotecnologias e Ensino de Geografia.

O Capítulo 1 - “A participação do Brasil na divisão internacional do trabalho e a reprimarização da pauta exportadora no período pós-2000” da pesquisadora Denise Leonardo Custodio Machado de Oliveira vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, apresenta uma fecunda análise sobre a participação do Brasil na divisão internacional do trabalho, com ênfase ao período pós-2000, no qual se verifica um crescimento nas exportações de produtos primários, tais como os de origem agropecuária e agroindustrial. Trata-se de um ensaio sobre os reflexos na divisão territorial do trabalho.

O Capítulo 2 - “Ocupação, produção e transformações camponesas no território da Canastra” do pesquisador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira da Universidade Estadual de Montes Claros, apresenta um breve resgate histórico da formação do Parque Nacional da Serra da Canastra no sudoeste do estado de Minas Gerais a partir das implicações e disputas territoriais para os camponeses.

Já no Capítulo 3 – “Tendências atuais da agricultura familiar no município de Santa Maria-RS”, dos pesquisadores Janete Webler Cancelier e Daiane Loreto de Vargas da Universidade Federal de Santa Maria, tecem um panorama da agricultura familiar no município de Santa Maria enfatizando as atividades que possibilitam a reprodução e a permanência dessas famílias no campo, concebendo esse processo como heterogêneo e diversificado.

No Capítulo 4 de autoria da pesquisadora Cleusi Teresinha Bobato Stadler da Universidade Estadual de Ponta Grossa intitula-se: “Agrobiodiversidade - “sementes crioulas” - saberes e práticas em comunidades tradicionais do Paraná”, é apresentada uma importante discussão envolvendo a produção do conhecimento científico na Geografia a partir da decolonialidade. Dessa maneira, a autora apresenta algumas

práticas e territorialidades dos Faxinalenses, Quilombolas e Caiçaras materializadas na agrobiodiversidade das sementes crioulas.

Já no Capítulo 5 – “Invisibilidade e resistência das comunidades quilombolas em Corumbá- MS: estudo de caso na sub-região Paraguai do Pantanal” do pesquisador João Batista Alves de Souza do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, aborda-se uma leitura sobre a invisibilidade e resistência das Comunidades Quilombolas na Sub-Região Paraguai do Pantanal, enfatizando as relações de poder e produção territorial juntamente com relação sociedade e natureza nesses territórios.

Por fim, os capítulos 6 e 7 encerram os debates e envolve as análises oriundas da Geografia Agrária e Econômica, com os textos: “Agricultura irrigada e recursos hídricos: espacialização de pivô central no município de Paraúna, Goiás, Brasil”, de autoria dos pesquisadores Íria Oliveira Franco, Cleonice Batista Regis Soares e Frederico Augusto Guimarães Guilherme da Universidade Federal de Goiás; e “As determinações e impactos da cana-de-açúcar no interior paulista: um breve estudo das microrregiões de Araraquara e São Carlos”, dos pesquisadores Bruna Martins da Paixão e Renan Yamasaki Veiga Barros vinculados à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, que tratam respectivamente do sistema de irrigação com pivô central e a produtividade de culturas agrícolas no município de Paraúna-Goiás, cujos impactos e conflitos pelo uso da água seguem vigentes; e análise das determinações territoriais estabelecidas nas microrregiões de Araraquara e São Carlos no âmbito do desenvolvimento da agricultura no interior paulista, sobretudo, através da produção da cana-de-açúcar na composição hegemônica da produção de monocultivos e homogeneização das paisagens.

No Capítulo 8 - “A reconfiguração territorial e as políticas públicas do estado: o caso da cidade de Ouanaminthe (Haiti)” do pesquisador Guerby Sainté da Universidade Estadual de Campinas, o mesmo elabora uma análise sobre a reconfiguração territorial e as políticas públicas do Estado no caso da cidade de Ouanaminthe – Haiti em diálogo com os dilemas da gestão e na organização sociopolítica do Estado.

No Capítulo 9 - “Reestruturações urbanas e seus reflexos em cidades intermediárias nordestinas: metamorfoses e permanências socioespaciais” de autoria dos pesquisadores João Paulo Gomes de Vasconcelos Aragão, Bruna Garcia dos Santos, Matheus Teófilo Gomes e Lucas José Elias Bezerra dos Santos do Instituto Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba e Instituto Federal da Paraíba, nota-se uma contribuição sobre os processos de reestruturação urbana no âmbito das cidades intermediárias à luz dos estudos sobre reestruturação urbana no Brasil.

Enquanto o Capítulo 10 - “A mobilidade urbana em questão: um olhar geográfico sobre Uruaçu-GO-2014” dos pesquisadores Gabriel Freitas Andrade e John Carlos Alves Ribeiro do Instituto Federal de Goiás, encerram as leituras sobre o quadro urbano enfatizando a mobilidade urbana a partir dos eventos esportivos realizados no

país e sua relação teórico-empírica com o município de Uruaçu em Goiás.

No capítulo 11- “Apropriação dos recursos naturais e reflexo na paisagem: o caso da microbacia do córrego água quente em rio quente-GO” dos pesquisadores Joel Cândido dos Reis e Rildo Aparecido Costa da Universidade Federal de Goiás, nota-se uma importante interpretação sobre as águas termais e apropriação dos recursos naturais pelo capital financeiro, tendo o turismo como um agente desse processo.

Já no Capítulo 12, os autores José Batista Siqueira, Fabrício Passos Fortes e Sanmy Silveira Lima vinculados à Universidade Federal de Sergipe, GEOFortes e Universidade Federal de Pernambuco apresentam a seguinte contribuição: “Geotecnologia aplicada à identificação de aspectos geológicos e espeleológicos do município de Simão Dias, Sergipe/Brasil”, que discute os aspectos geológicos e espeleológicos da porção Sergipana do domínio Vaza Barris, localizada no município de Simão Dias obtidos através de técnicas de geotecnologias, revisão de literatura, processamento de imagens, e trabalhos de campo.

No capítulo 13 – “Análise preliminar de estudos relacionados à região do Jalapão – TO/PI/BA/MA”, dos pesquisadores Joeslan Rocha Lima e Claudiomar da Cruz Martins da Universidade Federal do Tocantins, apresentam uma fecunda reflexão sobre a preservação ambiental a partir do mosaico de unidades de conservação na região do Jalapão.

Nos dois últimos capítulos da Coletânea, o debate sobre o Ensino da Geografia é enfatizado em contribuições atualíssimas. O Capítulo 14 intitulado “Aproximações entre a Geografia Escolar e a Neurociência: o raciocínio geográfico na BNCC”, dos pesquisadores Juliano Pereira de Mello e Antônio Carlos Vitte da Universidade Estadual de Campinas faz um panorama da Base Nacional Comum Curricular relacionando-a ao ensino geográfico a partir dos conceitos de Pensamento Espacial, Raciocínio Geográfico e Conhecimento Geográfico. Nesse devir, os autores tecem alguns diálogos e contribuições sobre a Neurociência aplicada à educação, qualificando o trabalho pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, na construção do Currículo para a Educação Básica.

Por fim, o Capítulo 15 - “Formação de professores: o incentivo à prática docente através da musicalização da Geografia” dos pesquisadores Mônica Hellen Ribeiro Cardoso e Daniel Mallmann Vallerius da Universidade Federal do Pará, os autores debatem as contribuições de música e suas práticas na formação do Professor de Geografia a partir das atividades do Laboratório de Práticas de Ensino de Geografia UFPA (LabPrat), campus de Altamira- Pará. Trata-se, portanto, de uma prática refletiva para construção de dispositivos didáticos para os futuros professores de Geografia recriarem nas suas aulas na Educação Básica.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Agosto de 2019.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E A REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA NO PERÍODO PÓS-2000	
Denise Leonardo Custodio Machado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5391927091	
CAPÍTULO 2	12
OCUPAÇÃO, PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÕES CAMPONESAS NO TERRITÓRIO DA CANASTRA	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5391927092	
CAPÍTULO 3	29
TENDÊNCIAS ATUAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Janete Webler Cancelier Daiane Loreto de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.5391927093	
CAPÍTULO 4	44
AGROBIODIVERSIDADE - “SEMENTES CRIOULAS” - SABERES E PRÁTICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ	
Cleusi Teresinha Bobato Stadler	
DOI 10.22533/at.ed.5391927094	
CAPÍTULO 5	55
INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM CORUMBÁ- MS: ESTUDO DE CASO NA SUB-REGIÃO PARAGUAI DO PANTANAL	
João Batista Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5391927095	
CAPÍTULO 6	69
AGRICULTURA IRRIGADA E RECURSOS HÍDRICOS: ESPACIALIZAÇÃO DE PIVÔ CENTRAL NO MUNICÍPIO DE PARAÚNA, GOIÁS, BRASIL	
Íria Oliveira Franco Cleonice Batista Regis Soares Frederico Augusto Guimarães Guilherme	
DOI 10.22533/at.ed.5391927096	
CAPÍTULO 7	83
AS DETERMINAÇÕES E IMPACTOS DA CANA-DE-AÇÚCAR NO INTERIOR PAULISTA: UM BREVE ESTUDO DAS MICRORREGIÕES DE ARARAQUARA E SÃO CARLOS	
Bruna Martins da Paixão Renan Yamasaki Veiga Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5391927097	
CAPÍTULO 8	94
A RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESTADO: O CASO DA CIDADE DE OUANAMINTHE (HAITI)	
Guerby Sainté	
DOI 10.22533/at.ed.5391927098	

CAPÍTULO 9	106
REESTRUTURAÇÕES URBANAS E SEUS REFLEXOS EM CIDADES INTERMEDIÁRIAS NORDESTINAS: METAMORFOSES E PERMANÊNCIAS SOCIOESPACIAIS	
João Paulo Gomes de Vasconcelos Aragão	
Bruna Garcia dos Santos	
Matheus Teófilo Gomes	
Lucas José Elias Bezerra dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5391927099	
CAPÍTULO 10	126
A MOBILIDADE URBANA EM QUESTÃO: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE URUAÇU-GO-2014	
Gabriel Freitas Andrade	
John Carlos Alves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.53919270910	
CAPÍTULO 11	140
A PROPRIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E REFLEXO NA PAISAGEM: O CASO DA MICROBACIA DO CÓRREGO AGUA QUENTE EM RIO QUENTE-GO	
Joel Cândido dos Reis	
Rildo Aparecido Costa	
DOI 10.22533/at.ed.53919270911	
CAPÍTULO 12	151
GEOTECNOLOGIA APLICADA À IDENTIFICAÇÃO DE ASPECTOS GEOLÓGICOS E ESPELEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE SIMÃO DIAS, SERGIPE/BRASIL	
José Batista Siqueira	
Fabrício Passos Fortes	
Sanmy Silveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.53919270912	
CAPÍTULO 13	163
ANÁLISE PRELIMINAR DE ESTUDOS RELACIONADOS À REGIÃO DO JALAPÃO – TO/PI/BA/MA	
Joeslan Rocha Lima	
Claudiomar da Cruz Martins	
DOI 10.22533/at.ed.53919270913	
CAPÍTULO 14	174
APROXIMAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA ESCOLAR E A NEUROCIÊNCIA: O RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA BNCC	
Juliano Pereira de Mello	
Antônio Carlos Vitte	
DOI 10.22533/at.ed.53919270914	
CAPÍTULO 15	186
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O INCENTIVO À PRÁTICA DOCENTE ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA	
Mônica Hellen Ribeiro Cardoso	
Daniel Mallmann Vallerius	
Francisco Fernandes Ladeira	
DOI 10.22533/at.ed.53919270915	
SOBRE O ORGANIZADOR	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

AGROBIODIVERSIDADE - “SEMENTES CRIOULAS” - SABERES E PRÁTICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ

Cleusi Teresinha Bobato Stadler

Doutoranda/ PPGG- UEPG/PR

Imbituva/PR

RESUMO: O presente trabalho discute a produção do conhecimento científico na geografia a partir da decolonialidade, de outras vozes e sujeitos sociais, numa perspectiva geo-histórica, fazendo uma interlocução entre o conceito de território e espaço e a relação com os sujeitos que constroem o espaço rural das Comunidades Tradicionais do Paraná. Inserido no Projeto de Tese, o fenômeno geográfico a ser pesquisado é a territorialidade dos Faxinalenses, Quilombolas e Caiçaras, suas práticas, memórias, os conhecimentos da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, as dinâmicas de trabalho familiar e comunitário, alimentação, conhecimentos técnicos/tradicionais, que determinam muitos saberes cotidianos e de socialização, como se materializam e são simbolizadas no espaço destas comunidades. Como está em fase inicial de Projeto de Pesquisa ainda não se tem totalidade de resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Agrobiodiversidade; Práticas Culturais; Comunidades Tradicionais.

AGROBIODIVERSITY - “CRIOLA SEEDS”
- KNOWLEDGE AND PRACTICES IN
TRADITIONAL COMMUNITIES OF PARANÁ

ABSTRACT: This paper discusses the production of scientific knowledge in geography from decoloniality, from other voices and social subjects, in a geo-historical perspective, making a dialogue between the concept of territory and space and the relationship with the subjects who build the rural space. of the Traditional Communities of Paraná. Inserted in the Thesis Project, the geographical phenomenon to be researched is the territoriality of Faxinalenses, Quilombolas and Caiçaras, their practices, memories, knowledge of agrobiodiversity and Creole seeds, the dynamics of family and community work, food, technical / traditional knowledge. , which determine many everyday knowledge and socialization, how they materialize and are symbolized in the space of these communities. As it is in the initial phase of the Research Project, the results are not yet complete.

KEYWORDS: Agrobiodiversity; Cultural practices; Traditional Communities.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão introdutória dos

conceitos geográficos – território e espaço. Em virtude da complexidade do assunto, não é possível no presente texto o aprofundamento destes conceitos, mas o destaque será à relação com o Projeto de Pesquisa Sementes Crioulas – Saberes e Práticas em Comunidades Tradicionais no Paraná, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

No final do século XX e início do XXI, a Geografia vem trazendo inúmeras contribuições para a sociedade no tocante ao conhecimento científico, através de análises, discussões, debates, divergências e até mesmo profundos enfrentamentos teóricos e metodológicos. Esses enfrentamentos vão marcar a revisão de paradigmas, conceitos e pensadores, permitindo novos olhares sobre essa dinâmica e importante ciência.

A primeira parte do trabalho foi elaborada através da leitura de estudiosos que foram considerados como centrais nos conceitos da Geografia, fazendo uma interlocução entre o conceito de território e espaço e a relação com os sujeitos que constroem o espaço rural de quatro Comunidades Tradicionais do Paraná- Faxinal de Sete Saltos/Ponta Grossa/Pr, Faxinal dos Galvão/Imbituva/PR, Quilombola Palmital dos Pretos/Ponta Grossa/PR e Guaraguaçu/Pontal do Paraná/PR.

Utilizando-se do Método Científico Comparativo das Comunidades Tradicionais Faxinalenses, Quilombolas e Caiçara, busca-se no Projeto de Pesquisa da Tese, a relação entre o empirismo, a desconstrução e produção do pensamento científico, a compreensão da realidade através de vários campos do conhecimento, pois as Comunidades Tradicionais no Paraná não podem ser generalizadas como iguais, mas sim com temporalidades, subjetividades e territorialidades diferentes.

Para K. POPPER(1972), a realidade não é verdade absoluta, está sempre em constante transformação, assim como as Comunidades Tradicionais, em temporalidades e espacialidades diferentes, estão sempre em constante transformação, nas territorialidades, na relação com o espaço e Natureza.

Norbert Elias defende que nada se produz num vazio teórico e social, sem teoria e observação, o que vem de encontro a K. Popper, que defende que devemos dialogar com os fenômenos, com as observações, começar a ver o conhecimento científico com o olhar de outros “campos” (Pierre Bourdieu), reconhecer que não existem fatos únicos, mas outras leituras da realidade.

Muitas das Comunidades Tradicionais, como os faxinalenses, quilombolas e caiçaras, estão ainda para serem estudadas, visibilizadas, (re) interpretadas e (re) significadas. A formação socioespacial dessas comunidades ocorre no contexto de processos históricos marcadas por rupturas e discontinuidades, estreitas relações entre o espaço físico – a natureza – com a mata de araucária, os ervais nativos e as atividades humanas o que caracteriza a cultura dessas populações rurais. Essas relações acabam por transformar e construir paisagens associadas a regiões do Paraná Tradicional¹ e suas Comunidades.

Se entendermos o espaço enquanto a esfera da multiplicidade, o reino das

trajetórias múltiplas, como nos propõe MASSEY (2008), onde ele não pode nunca ser fechado, onde sempre haverá resultados não previstos, relações, elementos de acaso, imaginações, significados, processos, práticas materiais efetivas, então, é preciso instituir uma abertura de diálogo com outros saberes, outras narrativas, que contextualizem a territorialidade das comunidades tradicionais.

Este novo diálogo geográfico e sociológico poderá contextualizar as diversidades socioambientais das comunidades faxinalenses, quilombolas e caiçaras, acerca dos fenômenos, espacial (o território das comunidades) e temporal (o tempo social/biológico), como múltiplas escalas e dimensões. Um repensar científico com base em uma mentalidade aberta às subjetividades e práticas dos indivíduos, um olhar sobre o outro e sobre a natureza, sob o ângulo da agrobiodiversidade, nas memórias, práticas e saberes, nas atitudes e relacionamentos com os “outros”, dando voz aos diversos sujeitos e suas territorialidades geo-históricas.

Para compreendermos a produção do conhecimento científico na geografia como um novo campo epistêmico, liberto de toda opressão e dominação, precisamos entender o pensamento “decolonial” de Walter MIGNOLO (2003). Olhar o mundo através de uma perspectiva geo-histórica, identificando a produção do conhecimento pelo viés não apenas a partir da epistemologia totalitária europeia, mas também a partir da decolonialidade, outras vozes de outros sujeitos sociais. Fazer ciência a partir dos que foram tirados os “direitos de fala”, reconhecer a pluralidade epistêmica, produzir outro paradigma científico e social, onde estejam presentes os espaços, a voz, o conhecimento de negros, mulheres, comunidades rurais (chamadas tradicionais), buscar uma descolonização do conhecimento em diferentes esferas, como um conjunto de conhecimentos e práticas, como por exemplo, o etnoconhecimento geo-histórico, as territorialidades, lugar vivido e habitado, a memória das Comunidades Tradicionais do Paraná – faxinalenses, quilombolas e caiçaras.

2 | ESPAÇO, PRÁTICAS E SABERES EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NO PARANÁ

A base da Geografia como ciência e a procura do entendimento das dinâmicas do espaço se dá pela escola francesa e alemã, no século XIX. Já no século XX, geógrafos apontaram elementos importantes para a compreensão do espaço em suas contradições. No século XXI, o que se percebe é a tentativa de trazer novas faces

1 De acordo com a Historiografia Paranaense, Ruy Wachowicz, (2002), podemos dividir a ocupação do estado em três áreas histórico-culturais: a primeira com o Paraná Tradicional, século XVII, com a procura do ouro, século XVIII com o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado. E, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador de erva-mate e da madeira; a segunda área seria do Paraná moderno, já no século XX, sendo a do Norte, com a agricultura tropical do café mais diretamente ligada a São Paulo. E a terceira área, após meados da década de 1950, a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul.

do real a partir de perspectivas espaciais, descartando especialidades e permitindo a leitura das multiplicidades de perspectivas dos fenômenos.

O espaço pode ser apresentado a partir de diferentes abordagens. Mas nos propomos a discutir o espaço relacionado ao tema de pesquisa – as Comunidades Tradicionais. Propomos-nos a compreender o espaço enquanto a esfera da multiplicidade, o reino das trajetórias múltiplas, como defende MASSEY (2008), onde ele não pode nunca ser fechado, onde sempre haverá resultados não previstos, relações, elementos de acaso, imaginações, significados, processos, práticas materiais efetivas, então, é preciso instituir uma abertura de diálogo com outros saberes, outras narrativas, que contextualizem a territorialidade das comunidades tradicionais.

O espaço é considerado por muitos geógrafos como a condição de ocorrência dos fenômenos. Todas as relações somente podem ocorrer no espaço e a partir do espaço. Na concepção de Kant, importante filósofo do século XVIII, o espaço é uma representação necessária *a priori*, que serve de fundamento a todas as percepções exteriores.

Para HARTSORNE (1978), o espaço é estudado pela diferenciação de áreas. O espaço é absoluto, uma entidade distinta, física e real, por fim, empírica. Então o espaço das Comunidades Tradicionais, como os Faxinais, Quilombolas e Caiçaras seria apenas um espaço físico, a área que compõem essas comunidades. Mas não podemos deixar de entender o espaço dessas comunidades, enquanto um produto histórico, uma organização espacial, onde a ação humana modela a superfície da terra.

Para SOUZA (2013, p. 38), “como descrever e compreender a organização espacial de caiçaras, faxinalenses ou de quilombolas sem tomar em consideração o papel de feições da “natureza primeira”? Para ele, a relação do homem com a natureza sempre é mediada pela cultura e história. Então, essa “natureza primeira”, que corresponde aos ambientes naturais dessas comunidades, como os rios, florestas, solo, devem ser levados em conta e estudados com métodos e técnicas inerentes às ciências naturais, mas também não podemos descartar sua “natureza segunda” que abrange a materialidade transformada pela sociedade, os campos de cultivo, a construção das casas e espaços sociais e culturais.

Se compreendermos o espaço como ação humana, então o espaço geográfico é a natureza modificada pela humanidade através do seu trabalho e suas ações socioculturais. Roberto Lobato CORRÊA (2003) explica que a organização espacial é reflexo da ação humana ao longo do tempo, consequência do trabalho e da divisão do trabalho. O espaço é entendido como espaço social, vivido, em estreita correlação com a prática social. A produção do espaço é resultado da ação do homem sobre a natureza. A organização do espaço reflete em como a população utiliza-o em virtude das técnicas disponíveis e das necessidades humanas.

As práticas culturais, imateriais, o etnoconhecimento, dialoga com o espaço material, físico. Assim dentro de uma perspectiva de Milton SANTOS (1978), temos

que olhar para o espaço enquanto resultado de uma organização espacial. Portanto para que as Comunidades Tradicionais, como os Faxinais funcionem ele têm que estar relacionado a uma organização espacial. Ele produz uma organização espacial. Essa organização é condição para reprodução das mesmas relações sociais. Quando pensamos a organização das comunidades tradicionais, percebemos que ela é reflexo do trabalho cotidiano dos sujeitos destas comunidades, mas também é condição para a reprodução das mesmas relações sociais. Podemos dizer então que toda *vivência social é uma vivência espacial*. As vivências e práticas dos sujeitos faxinalenses, quilombolas ou caiçaras são vivências espaciais, se constituem no espaço físico/material, mas também imaterial, suas subjetividades.

Na geografia humanística e cultural de modo bem amplo, o espaço é visto a partir da afetividade, simbolismo, significado e no lugar seu principal argumento para se estudar a sociedade. O significado de espaço para essa corrente é que espaço e lugar são intrínsecos ao modo de ser/estar no mundo, definido por meio da valorização das pessoas, sentimentos, crenças e percepções, um espaço dotado de significados e carga simbólica, ao qual se associam imagens muitas vezes conflitantes.

Para os faxinalenses, quilombolas e caiçaras, suas comunidades têm o sentido de “lugar”, mas não “qualquer lugar”, mas sim dotado de uma carga simbólica, de significados, um *espaço vivido*: vivido, claro, pelos que lá moram ou trabalham quotidianamente. (SOUZA, 2013). Para as comunidades tradicionais, o lugar pode se modificar, sem que o espaço, em sua materialidade, tenha se modificado, ou seja, os faxinalenses podem não ter mais as mesmas práticas e saberes de plantio de sementes crioulas, a maneira de fazer farinha no monjolo, o puxirão com festa e baile, mas as alterações físicas, materiais e práticas consideradas mais modernas não alteram a sua imagem de um lugar enquanto faxinal.

Para os faxinalenses, quilombolas e caiçaras existe um “sentido de lugar”, uma afetividade, sentido do viver, pertencer aquele lugar, como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados. O lugar como espaço percebido e vivido, dotado de significado, o sentido de lugar através dos saberes, práticas, da história que se pretende identificar nas Comunidades Tradicionais.

Para Edward RELPH² lugar é fundamental para a manutenção da proteção dos seus sujeitos, manterem uma identidade “do lugar” e “com o lugar”.

“As abordagens fenomenológicas do lugar, por exemplo, têm tendido a enfatizar os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção”. (Relph, 1976) (SOUZA, 2013, p.114).

A perspectiva de RELPH vem de encontro ao que se pretende compreender no Faxinal de Sete Saltos, Palmital dos Pretos e Guaraguaçu, Comunidades Tradicionais

2 No original: “Phenomenological approaches to place, for example, have tended to emphasize the ways in which individuals and communities develop deep attachments to places through experience, memory and intention (Relph, 1976)”.

do Paraná, onde o entendimento de lugar vai muito além da simples localização e de individualidade do espaço, mas, como defende CLAVAL (2001, p. 55), “estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os freqüentam.” São acrescentadas a percepção, os símbolos, a religiosidade, os valores e as identidades coletivas, características e heranças culturais dos indivíduos. O lugar é o espaço vivido, dotado de significados próprios e particulares que são transmitidos culturalmente.

Analisar essas comunidades como espaços de diferentes narrativas, trajetórias e formas de uso do poder, de conflitos, rupturas e forças que percorrem e usam desigualmente os recursos do espaço, vem de encontro as dimensões espaciais/ territoriais e as variáveis sociais, econômicas, culturais, em jogo na configuração de práticas e saberes locais da natureza (FLORIANI, 2013). Os faxinalenses, quilombolas, caiçaras, enquanto novos atores sociais construíram sua territorialidade, práticas econômicas, socioculturais e práticas simbólicas vinculadas ao meio rural, configurando assim, patrimônios imateriais através de suas vivências e cotidiano.

De acordo com o conhecimento científico, o fenômeno geográfico é a territorialidade das Comunidades Tradicionais, as práticas e as representações que essas comunidades possuem a respeito da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, as dinâmicas de trabalho familiar e comunitário, alimentação, conhecimentos técnicos e tradicionais, que determinam muitos saberes cotidianos e de socialização, que se materializam e são simbolizadas no espaço da paisagem rural destas comunidades.

Essa nova perspectiva traz a necessidade de repensar a forma pela qual se interpretam as realidades rurais, a fim de compreender as temporalidades e espacialidades camponesas em sua complexidade, um repensar científico com base em outros saberes que permitam re-estabelecer as conexões entre sociedade e natureza, o urbano e o rural, o tempo e o espaço, o subjetivo e o objetivo.

Apartir de conceitos geográficos, históricos e sociológicos, podemos analisar como as Comunidades Tradicionais, em especial os Faxinalenses, Quilombolas e Caiçaras, através da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, materializam, reproduzem e simbolizam no espaço rural destas comunidades, a sua voz, seus saberes, como constroem suas territorialidades e dão sentido a suas identidades. Quais são suas memórias do “saber fazer”. Como conservam e trabalham com as sementes crioulas.

É necessário ultrapassar o conhecimento da ciência convencional e tentar buscar uma epistemologia socioambiental que se aproxime dos conhecimentos e práticas socioculturais, do uso dos recursos naturais, das dinâmicas de trabalho familiar e comunitário, das práticas religiosas, alimentares, dos conhecimentos técnicos e tradicionais, que determinam os estilos de vida dos agricultores destas comunidades no presente.

Michel de CERTEAU (2009) defende que o espaço é produzido pelas ações dos sujeitos históricos. Portanto, analisar a territorialidade dos sujeitos destas comunidades, é tentar compreender o espaço praticado por esses sujeitos, a partir de suas ações sociais e culturais. É tentar compreender o espaço, visto como algo

abstrato, como esfera de possibilidades, de multiplicidade, da coexistência conflituosa de várias trajetórias.

Através dos estudos de MASSEY (2008), temos que pensar em um espaço além do abstrato, um espaço onde a pluralidade humana e a heterogeneidade estejam presentes e nesse sentido estão presentes os conflitos, as diferentes formas de uso do poder, os consensos, as rupturas e as forças que percorrem e usam desigualmente os recursos do espaço. Um espaço aberto, plural, múltiplo e em conflito, composto por diferentes narrativas.

Essa multiplicidade que traz o espaço enquanto produto de inter-relações pode ser analisada através das práticas sociais e produtivas impostas pelo ambiente em que vivem, do Faxinal dos Sete Saltos, Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos e Comunidade Caiçara. Podemos pensar essas comunidades como espaços de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes, com uma pluralidade de trajetórias, com uma heterogeneidade, onde o social é construído, onde foram estabelecidas estratégias para dominar estes espaços.

Para STRACHULSKI e FLORIANI (2017), a paisagem se forma através do olhar dos homens, com o rosto humano. “Um mesmo território não se torna paisagem senão por meio do cruzamento de múltiplos olhares, de fenômenos sensoriais e cognitivos partilhados”. A paisagem pode ser então analisada pelo aspecto social e através do sistema produtivo, pois é num dado espaço que uma comunidade vai produzindo bens materiais e culturais, constituindo ou delineando uma paisagem.

Essa paisagem vai sendo constituída, apropriada pelos moradores das comunidades rurais através de seus conhecimentos vernaculares, tradicionais, éticos de como utilizar-se das terras, de uma agrobiodiversidade que não agrida a natureza. Por isso, procuram as sementes crioulas e com suas práticas e técnicas tradicionais vêm adaptando seus cultivos às condições locais de cada comunidade, desenvolvendo conhecimentos particulares dos elementos da paisagem.

No Brasil, a Lei de Proteção de Cultivares (Lei 9.456/97) e a Lei de Sementes e Mudas (Lei 10.711/03) têm como objetivo incentivar camponeses e populações tradicionais para a produção de suas próprias sementes de variedades locais, chamadas também de crioulas. As sementes crioulas são sementes que não sofreram nenhum tipo de modificação genética por técnicas de melhoramento. As práticas de manejo são desenvolvidas por pessoas mais antigas nas comunidades tradicionais, como os Quilombolas, Faxinalenses, Caiçaras, Caboclos e muitas outras comunidades.

O conhecimento local e a cultura com as sementes crioulas podem ser considerados integrantes da agrobiodiversidade, pois é a atividade humana do plantio, agricultura e suas técnicas que molda e conserva esta biodiversidade. As espécies cultivadas que compõem o agroecossistema, constituem um patrimônio o qual é a base alimentar e a fonte de matéria-prima para inúmeras atividades de populações locais. Essas populações contribuem no processo de seleção e adaptação desses cultivos para a realidade local (OLIVEIRA, 2006).

As sementes crioulas são mais que alimentos, é o símbolo da religiosidade, da cultura, do folclore, da esperança, da valorização do que é nativo, do lugar. É através delas que as comunidades tradicionais podem, na prática, exercer sua resistência camponesa e guardar sua cultura.

No espaço construído pela interação histórica, social e cultural, os povos tradicionais e seus descendentes realizam suas práticas de trabalho, coleta de sementes, práticas religiosas, culinárias e festivas. São essas práticas que os identificam e que se tornam um espaço simbólico ligado a um conjunto de significados. Esses significados estão relacionados à maneira como preparam os alimentos, como realizam as práticas agrícolas, às interações familiares e sociais. Essas práticas sociais envolvem as relações sociais – memórias, vivências, forças, tensões, disputas. As relações da agrobiodiversidade e sementes crioulas com o espaço habitado, vivido, apreendido, incorporado, bem como a organização socioeconômica, a produção cultural, são fundamentais para entendermos a territorialidade, essenciais na vida das comunidades tradicionais.

3 | METODOLOGIA

A pesquisa nas comunidades seguirá a metodologia de imersão em campo em um trabalho coletivo com o grupo de pesquisa Interconexões- UEPG, “Das Territorialidades Tradicionais às Territorializações da Agroecologia” a qual a pesquisa está inserida. Através de uma observação-participante e dialógica com os moradores no cotidiano das comunidades, será levantado às informações, os pontos limitantes do território das Comunidades e os pontos identitários-simbólicos.

Após algumas imersões necessárias nas Comunidades serão desenvolvidas entrevista semi-estruturada, história oral e memória, estudo comparativo, mapas mentais com a geografia das representações. Será organizado um “ Banco de Sementes Crioulas”, mapas mentais, filmagens, gravações, fotografias, documentos, diários de campo, croquis, entre outros.

A coleta de material etnogeográfico histórico, nas comunidades tradicionais, seguirá a metodologia do trabalho de campo aliada a observação-participante. Na observação-participante aos moldes de Goffman (2010) o pesquisador-observador propõe-se a participar da vida cotidiana do grupo pesquisado, analisando espontaneamente as ações dos sujeitos, enquanto coleta as informações necessárias a sua pesquisa segundo seu olhar de pesquisador.

A pesquisa pretende produzir mais dados qualitativos do que quantitativos, onde os procedimentos metodológicos consistirão na aplicação de técnicas de pesquisa participativa como elaboração de entrevistas de caráter aberto, semi-estruturada com agricultores e moradores das comunidades, onde as informações obtidas serão sistematizadas em tabelas, gráficos e mapas, com a utilização do programa Quantum GIS –QGIS 3.0. As fotos e imagens serão georreferenciadas no programa Quantum

Gis 3.0, a partir da qual serão elaborados mapas da agrobiodiversidade, cartografia social e cartogramas das comunidades em estudo.

Nessa pesquisa a história oral tem papel muito importante como metodologia de análise das memórias, carregadas de subjetividade, dos sujeitos envolvidos no processo histórico do objeto de estudo. Utilizando-se da narrativa oral, mas não desvinculando das fontes primárias, procuramos compreender a memória das comunidades tradicionais, o seu cotidiano, a cultura destes povos.

A pesquisa se propõe utilizar a abordagem etnometodológica H-F-P para compreender os saberes e práticas locais das comunidades em estudo, isto é, na tríade hermenêutica (análise das narrativas), fenomenologia (percepção e representações dos fenômenos da agrobiodiversidade) e práticas (cotidianas), envolvendo a relação dos sujeitos da pesquisa com o território/territorialidade. (MACEDO, 2010).

Segundo FLORIANI (2014), a abordagem etnometodológica pode ser representada pela figura abaixo, onde trata-se de interpretar narrativas, representações e práticas de natureza.

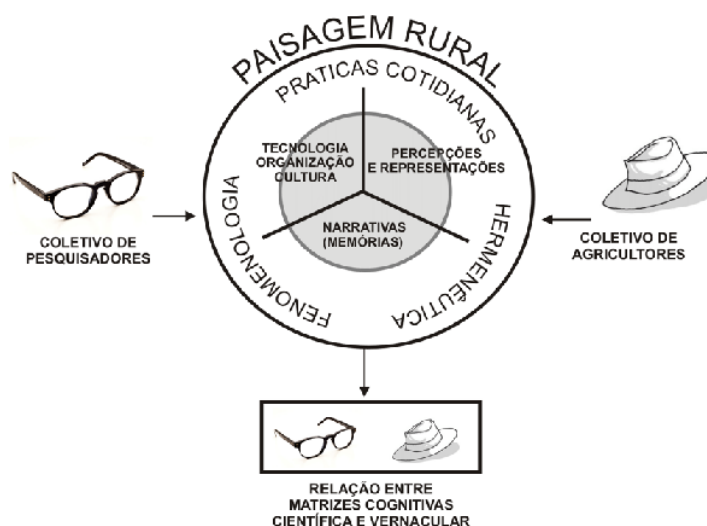


Figura 1 – Estrutura da abordagem etnometodológica. Org: Floriani, 2014.

Através desta abordagem etnometodológica, num primeiro momento serão realizados estudos a campo para a observação-participante e depois serão identificados sujeitos-chaves que apresentem conhecimentos e práticas de agrobiodiversidade singular em relação aos demais para nos levar a outras pessoas das comunidades que tenham essas mesmas práticas em seu cotidiano e possam identificar sementes crioulas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o Projeto de Tese ainda está em sua fase inicial, é a partir de conceitos geográficos, históricos e sociológicos, que poderemos analisar como as Comunidades

Tradicionais, em especial os Faxinalenses, Quilombolas e Caiçaras, através da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, materializam, reproduzem e simbolizam no espaço rural destas comunidades, a sua voz, seus saberes, como constroem suas territorialidades e dão sentido a suas identidades. Quais são suas memórias do “saber fazer”. Como conservam e trabalham com as sementes crioulas.

Através de uma análise geo-histórica com os conceitos de territorialidades, espaço praticado: lugar vivido e habitado, memória é que pensamos a formação dessas Comunidades Faxinalenses, Quilombola e Caiçara enquanto territórios geográficos e grupos sociais, pois as características naturais, históricas e culturais destas comunidades servem como referências ao passado e presente, fazendo com que sua preservação e valorização sejam do interesse para a sociedade atual. O patrimônio cultural material/imaterial composto por práticas e saberes, representam a memória das Comunidades. Sua representatividade, reconhecimento e valorização são elementos essenciais para se pensar uma região/local enquanto espaço praticado: habitado, lugar vivido. Como está em fase inicial o Projeto de Pesquisa ainda não se tem totalidade de resultados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI Nº 9.456, DE 25 DE ABRIL DE 1997**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9456.htm.

BRASIL. **LEI Nº 10.711, DE 5 DE AGOSTO DE 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.711.htm.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009. 316p.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. 453p.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

ELIAS, N. **O processo civilizador**- uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

FLORIANI, N. RIOS, F. Ther, F. Dimas. “Territorialidades alternativas e hibridismo no mundo rural”, **Polis [Online]**, 34, 2013. Disponível em: <http://polis.revues.org/8759>. Acesso em 17/06/2018.

GOMES, P., CORRÊA, R. L., CASTRO, I. E. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 356p.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. Tradução Thomaz N. Neto. São Paulo: Hucitec, 1978.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação**. 2 ed. Ed. Liber Livro, Brasília, DF, 2010

MASSEY, D. B. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

POPPER, Karl R. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972. 567p.

RELPH, E. **Lugar e Placelessness**. This commentary is published as a chapter in Key Texts in Human Geography, P. Hubbard, R. Kitchen, & G. Vallentine, eds. London: Sage, 2008, pp. 43-51 © David Seamon & Jacob Sowers. Disponível em: <https://studylib.net/doc/8795189/place-and-placelessness--edward-relph>.

SANTOS, B. de S. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. 821p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ª. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002. 288p.

SOUZA, M. L. 1963. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

STRACHULSKI, J., FLORIANI, N. A Etnobotânica das Plantas indicadoras da qualidade das terras de subsistema faxinalenses 'Terras de Plantar'. In: CARVALHO, S. M., FLORIANI, N. **Faxinal Taquari dos Ribeiros: diálogos interdisciplinares, sustentabilidade e etnoecologia**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. 139-15.

SOBRE O ORGANIZADOR:

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - “Cinema, comunicação e regionalização” no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Agroecologia, Alimentação e Saúde (2014), Gestão Ambiental (2015), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018), Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2 (2019), Geografia Agrária (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepholini@unimontes.br

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 56, 65, 66, 67, 144

Agrobiodiversidade 44, 46, 49, 50, 51, 52, 53

Águas termais 140, 141, 145, 146, 149

Análise espacial 69

Araraquara 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91

B

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 20, 21, 27, 28, 30, 31, 32, 41, 42, 43, 50, 53, 54, 57, 58, 59, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 80, 81, 82, 84, 92, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 119, 123, 124, 126, 131, 139, 140, 147, 150, 151, 161, 163, 164, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 194

C

Campesinato 12, 15, 58

Cana-de-açúcar 75, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 131

Capital financeiro 2, 4, 8, 11, 120, 140, 141, 147

Cerrado 14, 75, 80, 81, 140, 146, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172

Cidades intermediárias 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123

Cidades locais 126

Commodities 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 73

Comunidades 27, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 129, 170, 171, 173

Comunidades tradicionais 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 170, 173

Currículo 174, 175, 178

D

Desenvolvimento 2, 4, 9, 10, 11, 14, 15, 29, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 59, 61, 67, 70, 71, 73, 74, 79, 83, 84, 85, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 110, 111, 112, 119, 122, 124, 126, 129, 131, 141, 144, 151, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 171, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 187, 188, 191

Divisão territorial do trabalho 1, 2, 8, 10, 11, 109, 110

E

Ecologia 163, 172

Ensino de geografia 174, 175, 176, 178, 183, 186, 187, 192, 193, 194

Espaço 29, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 58, 66, 74, 85, 89, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 141, 147, 150, 158, 159, 164, 172, 179, 180, 187, 188, 189, 193

Espaço rural 29, 30, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 49, 53

Espaço urbano 39, 98, 99, 100, 103, 111, 114, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 139

Exportações 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Externalidades negativas 126, 132, 133, 139

F

Formação de professores 186, 187

G

Geografia escolar 174, 186, 187, 188, 192

Geoprocessamento 59, 83, 151, 154, 155, 159, 161, 172

H

Homogeneização 83, 84, 85, 86, 90, 92, 93

I

Irrigação 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81

L

Lineamentos 151, 154, 155, 156, 157, 159

M

Meio natural 140

Mobilidade urbana 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139

Modelado cárstico 151, 153, 154, 156, 158

Música 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193

N

Neurociência 174, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 185

P

Pivô central 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80

Pluriatividade 29, 38, 40, 41

Práticas culturais 44, 47

Preservação 53, 69, 144, 163, 166, 170, 171

Q

Quilombolas 14, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66

R

Raciocínio geográfico 174, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183

Recursos naturais 9, 31, 37, 49, 61, 67, 69, 72, 79, 80, 110, 141, 150, 164, 170, 171, 181

Reestruturações urbanas 106, 107, 108, 109, 111, 117, 119, 121

Remanescentes 39, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 67

Reprimarização 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 83, 86, 89

Resistências 27, 55

S

São Carlos 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92

Serra da Canastra 12, 13, 14, 21, 22, 25, 27, 28, 194

T

Território 9, 12, 13, 14, 15, 22, 25, 28, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 66, 71, 85, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 121, 122, 124, 140, 164, 166, 171, 189, 194

U

Unidade de conservação 12

Uso da água 16, 69, 72, 73, 78, 79, 80

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-653-9

